

# Pesquisa em Debate

**IMAGINÁRIO E IMAGINÁRIO SOCIAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

**IMAGINARY AND SOCIAL IMAGINARY: A REVIEW OF LITERATURE**

**Heloisa Beatriz Alice Rubman**

Mestranda em Psicologia pela Universidade São Marcos.

**Cristiano da Silveira Longo**

Doutor em Psicologia pela USP e professor da Universidade São Marcos

**Stella Narita**

Doutora em Relações Internacionais pela USP e professora da Universidade São Marcos

**Resumo**

O presente artigo busca recuperar e problematizar algumas concepções sobre imaginário e imaginário social, a partir de quatro vertentes: o imaginário como negatividade e alienação, como projeção do real, como capital antropológico e o imaginário como fundante.

**Palavras chave:** imaginário, imaginário social, imaginação, simbolismo.

**Abstract**

This article seeks to recover and problematize some conceptions about imagination and social imagination, from four aspects: the imagination as negativity and alienation, as a projection of reality, as anthropological capital and the imagination as the founder.

**Key words:** imaginary; social imaginary; imagination; symbolism.

## **Introdução**

Conforme breve revisão da literatura, a história do conceito de imaginário pode ser dividida em três etapas: etapa de sucessão; etapa de subversão e etapa contemporânea de autorização. É importante esclarecer que neste trabalho abordaremos o imaginário a partir da etapa contemporânea de autorização que tem o seu início no final do século XX e é entendida como um novo equilíbrio no sentido de tornar atual e reforçar os eixos do imaginário e do real / racional. Assim, trazemos para o diálogo, inicialmente, Sartre e Lacan, que apresentam o imaginário como negatividade / alienação.

### **O imaginário como negatividade e alienação**

Segundo pesquisas realizadas na cultura ocidental, os primeiros autores que utilizaram o termo imaginário referem-se ao lado oposto da razão, pertencente à ilusão; estes autores vinculam o imaginário ao mito, à fábula, ao campo do irreal.

Jean-Paul Sartre coloca o ato de imaginar no campo da magia, do irreal, dizendo que o real e o imaginário são antagônicos: no objeto irreal existe um poder negativo. Partindo destas duas premissas Augras (2000, p.110) afirma que “o real e o imaginário, para Sartre, não podem coexistir”. Segundo Augras (2000, p.110), Sartre faz do mundo do imaginário o mundo da negatividade e do antimundo dizendo que “ao possuir o sujeito, traga-o para o reino da irrealidade, e o seu campo de manifestação deixa a legitimação estética, para reduzir-se ao terreno da psicose”.

Jacques Lacan, no seu famoso “Discurso de Roma” (1953), utiliza o substantivo imaginário como registro da fantasia. Mais tarde, em 1956-7, desenvolve a sua teoria da trilogia Real/ Simbólico/Imaginário onde deixa claro o que entende por imaginário. O imaginário, para Lacan, tem em si um espaço de alienação e de ilusão; toda relação imaginária está essencialmente dedicada ao engano. Esta autora afirma que para Lacan o imaginário “é o modo da alienação e o real ocupa um lugar ambíguo na teoria lacaniana.” (AUGRAS, 2000, p.114). De certo modo Lacan se aproxima de Sartre na questão do imaginário, pois corresponde à ilusão assumindo assim características de negatividade, para Sartre, e de alienação, para Lacan.

## **O imaginário como projeção do real**

Em Bachelard e Jung o imaginário afigura-se como projeção do real. O filósofo Gastão Bachelard assume um lugar especial entre os teóricos do imaginário, sendo considerado o pioneiro da etapa contemporânea de autorização. Em 1927, na sua tese de doutoramento defendia, como um dos pressupostos teóricos, que o conhecimento é sempre inacabado. Tinha como base teórica a relativização dos acontecimentos, não tomar como verdade as descobertas da ciência e denunciar o abismo existente entre o pensamento e realidade. Assim mantém sempre viva a idéia de que a realidade existe, mas permanece inalcançável, o que obriga o cientista a constantes reformulações.

Percorrendo a obra de Bachelard, Augras (2000) encontra descobertas feitas por ele de que as imagens resistem, quando ele tenta explicar o processo científico das “imagens que nos encantam.” Assim, para a autora, “a imaginação constitui um reino autônomo, irredutível a outros modos de conhecimento.” Bachelard afirma que “o reino das imagens nos cria” quando revela, em seus escritos, a rota imagética de percepção do mundo e do homem. (AUGRAS, 2000, p.115).

Bachelard consegue explicitar, em sua obra, tanto da negatividade como da positividade do imaginário. O valor de uma imagem se mede pela extensão de sua auréola imaginária. “Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva” afirma Rocha Pitta (1987, apud AUGRAS, 2000, p.117). O imaginário é, portanto, visto como uma força, positiva, caracterizada pelo seu dinamismo, que põe em ação os recursos presentes no sujeito para atualizar as imagens internas e externas que, em consequência, tomam feições, como escreve Jean-Jacques Wunenburger (1997, apud AUGRAS, 2000, p.120), de veículos de exploração de significações potenciais, que nos permitem descobrir a riqueza do como e do ser. O imaginário remete, pois, a uma dimensão ontológica.

Bachelard hipotetiza a importância da “função do irreal” quando afirma que um indivíduo desprovido dessa função é tão doente quanto um indivíduo desprovido da “função do real.” Confirma isto quando afirma que o poema “tece o real com o irreal” e dinamiza a linguagem pela dupla atividade da significação e da poesia. Assim, para Bachelard, a função do irreal é psiquicamente tão importante quanto a função do real.

Bachelard aproxima-se de Jung quando este nos diz que “uma simples imagem, se for nova, abre o mundo.” Assim Bachelard faz do “imaginário, em vez de um modo de alienação, o lugar onde se elaboram os meios mais requintados de se abrir ao mundo.” (AUGRAS, 2000, p. 119).

### **O imaginário como capital antropológico**

Em Gilbert Durand, por sua vez, o imaginário afigura-se como capital antropológico:

A definição do imaginário como capital antropológico possibilita estabelecer o diálogo entre as diversas ciências do homem. Não há mais antagonismo entre a razão e a imaginação, que são ambas, ferramentas da construção do mundo. (AUGRAS, 2000, p.119)

Durand toma emprestado de Bachelard a idéia que somente uma imagem pode esclarecer outra imagem, graças ao seu *status* de símbolo. O termo símbolo, com origem no grego *σύμβολον* (*sýmbolon*), designa um elemento representativo que está (realidade visível) em lugar de algo (realidade invisível) que tanto pode ser um objecto como um conceito ou idéia, determinada quantidade ou qualidade. O símbolo é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo quotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Embora existam símbolos que são reconhecidos internacionalmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto (religioso, cultural, etc.). A representação específica para cada símbolo pode surgir como resultado de um processo natural ou pode ser convencionalizada de modo a que o receptor (uma pessoa ou grupo específico de pessoas) consiga fazer a interpretação do seu significado implícito e atribuir-lhe determinada conotação. Pode também estar mais ou menos relacionada fisicamente com o objeto ou idéia que representa, podendo não só ter uma representação gráfica ou tridimensional como também sonora ou mesmo gestual.

Durand lança o importante conceito de *trajeto antropológico*, entendendo-se por este conceito a produção de imagens em um percurso que vai desde o biológico até

o sociocultural. Assim, conforme Augras (2000), o imaginário pode ser estudado em qualquer ponto desta trajetória, sem que isto implique em hierarquia, graus de verdade ou de ilusão, como em Sartre ou Lacan, ou ruptura - oposição entre imaginário e racionalidade - como em Bachelard.

As contribuições de Durand (1969, 1984) em relação aos estudos do imaginário são de suma importância, pois este autor introduz a característica principal do imaginário como sendo a condição da sabedoria humana e sinaliza para a importância de se fundamentar todo o empreendimento antropológico nas produções da imaginação simbólica: “não há sociedades sem poetas, sem artistas, sem valores” (DURAND, 1984, apud AUGRAS, 2000, p.112). São essas produções e parâmetros que fornecem o ponto de partida para entender os mecanismos próprios a cada sociedade.

Conforme Barbier (1994), Durand busca fazer um repertório, classificar e situar as imagens para conceituar o imaginário como “conjunto das imagens e das relações de imagens que constituem o capital do *homo sapiens*” (DURAND, 1969, apud BARBIER, 1994, p.19). Durand, nos seus estudos sobre o imaginário, trabalha com a idéia de *núcleos organizadores* que são as constelações e os arquétipos. Sobre esta questão, Saison preocupa-se com a possibilidade da utilização do imaginário como instrumento de normalização, pois com “o imaginário coletado, recenseado, classificado, do qual se pretende conhecer as leis, determinam as variações possíveis a partir de um fundo comum” (SAISON, 1981, apud BARBIER, 1994, p.60). A ciência do imaginário comprova que este segue regras e configurações bem precisas.

Opondo-se a interpretações redutoras, o estudo do imaginário exige uma transdisciplinaridade aberta. Imaginar é uma função psíquica presente em toda atividade do espírito humano. Responsável pela organização do universo e pelo seu significado, o imaginário se encontra na base das religiões, filosofias, artes, ciências. Laplantine e Trindade (2003) historicam que Durand acredita encontrar a permanência dos arquétipos na modernidade das sociedades industriais contemporâneas. Seguem afirmando que a sociedade contemporânea mantém a força e o vigor das grandes imagens míticas nos objetos mais comuns do cotidiano.

### **O imaginário como fundante**

Castoriadis, fundamentando-se em Aristóteles para priorizar o imaginário, apresenta-o como radical ou fundante. Para Aristóteles, haveria uma “imaginação primeva”, criadora, que sustenta toda a imaginação como o senso comum a representa. Para Castoriadis, o imaginário é a função que torna possível a atividade imaginativa em sua atuação realmente criadora. Afirma: “O homem é um ser que procura sentido. E para satisfazer esta necessidade de sentido, cria sentido” (CASTORIADIS, 2000, p.93). Noutra passagem coloca que sociedade e história são formas que expressam a construção simbólica do mundo e revelam a atuação fundante do imaginário. Considera a linguagem a expressão desta criação de significado e chama a atenção para a fragilidade da linguagem, pois a criação é um processo interminável e os acontecimentos da história mostram a permanente transformação do homem e do mundo. “O homem traz em si uma alteridade insuperável e as soluções que elabora só fazem criar novas fontes de alteridade.” (CASTORIADIS, 2000, p.90)

Castoriadis, conforme sinaliza Augras (2000), aprofunda as raízes da criação e daí a sua concepção de imaginário radical, de um imaginário fundante em nível ontológico, do qual só podemos apreender as manifestações - aquilo que se revela no nível do imaginário efetivo, através de seus conteúdos, mas que está necessariamente na raiz da criação. Em tal perspectiva, toda a criação humana, história, sociedade ou indivíduo, é igualmente reveladora da atuação do imaginário.

Castoriadis deixa claro que a sua perspectiva de abordagem dos estudos sobre o imaginário nada tem em comum com algumas correntes psicanalíticas que entendem o imaginário como o reflexo de, o especular, a imagem refletida. No trecho abaixo Castoriadis (2000, p.13) evidencia perfeitamente estas idéias, assim como nos diz que o imaginário é uma condição do humano:

[...] O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos.

Castoriadis (2000, p. 223) aborda as questões da racionalidade, irracionalidade e criação humana, constatando que:

[...] o homem não é somente capaz de racionalidade e irracionalidade. Mas, ao contrário ao que pretende o pensamento herdado, é a irracionalidade a característica especificamente humana. Racionais são os animais, cuja programação biológica não admite erros: Jamais vi uma formiga tropeçar!, comenta jocosamente. Como todos sabemos, “errar é humano” e essa possibilidade de erro, em vez de constituir uma falha, é indicativa de nossa intrínseca capacidade de criação.

De outra maneira, Barbier (2000) fala da criação humana sob a perspectiva castoriadiana quando diz que “o imaginário” não é imagem de, “ele é criação” incessante e essencialmente *indeterminada* (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens a partir das quais pode ser questão de qualquer coisa. O que nós chamamos de realidade e racionalidade são suas obras.

Mais adiante, já com a intenção de apresentar questões sobre o imaginário social, Castoriadis contextualiza o homem e trabalha com o eixo psíquico, individual e o eixo sócio-histórico:

O homem é primeiramente psiquê. Homem, psiquê profunda, inconsciente. E o homem é sociedade. Ele é apenas na e pela sociedade e sua instituição e pelas significações imaginárias sociais, que tornam a psique apta para a vida [...] E a sociedade é sempre também história [...] É no psiquismo e no social-histórico que encontramos essa capacidade de criação. (CASTORIADIS, 2000, p.90)

Nas indagações sobre a sociedade e o imaginário social, Castoriadis (2004, p.256) constata:



[...] Ser socializado significa antes e, sobretudo, investir a instituição existente da sociedade e as significações imaginárias que esta instituição carrega. Essas significações imaginárias são: os deuses, os espíritos, os mitos, os totens, os tabus, o parentesco, a soberania, a lei, o cidadão, o Estado, a justiça, a mercadoria, o capital, o interesse, a realidade etc. A realidade é, sem dúvida, uma significação imaginária, e seu conteúdo particular para cada sociedade é pesadamente co-determinado pela instituição imaginária da sociedade.

Há uma imaginação radical da psiquê, isto é, há um surgimento perpétuo de um fluxo de representações, afetos e desejos indissociáveis e, com efeito, incontroláveis. Mas não é a psiquê neste sentido que pode criar instituições. Não é o inconsciente que cria a lei ou mesmo a idéia de lei. Ela lhe é imposta pela sociedade. Não é a psiquê que pode criar a linguagem. Ela deve recebê-la do exterior. E com a linguagem ela recebe a totalidade das significações imaginárias sociais que a mesma veicula e tornam possíveis.

Para Diaz (1996, p.13), o imaginário social significa a construção de modelos sociais concebidos padronizadamente. "O imaginário social é uma complexa rede de relações entre discursos e práticas sociais" que interage com as individualidades e se constitui com base nas coincidências valorativas das pessoas. "[...] Instala-se nas distintas instituições que compõem a sociedade e atua em todas as instâncias sociais." O imaginário coletivo, então, é fruto dos valores conhecidos e compartilhados numa determinada época.

### Referências bibliográficas

- AUGRAS, M. "Mil janelas": Teóricos do Imaginário. **Psicologia Clinica**, Rio de Janeiro, v.12, p. 105-131, 2000, n.1.
- BARBIER, R. Sobre o Imaginário. **Em a Aberto**, Brasília, ano 14, p.10-13, jan./mar.1994, n.61.

- CASTORIADIS, C. **Figuras do Pensável: As encruzilhadas do labirinto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DIAZ, E. (Org.). **La ciência y el imaginário social**. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- DURAND, G. **Le imagination symbolique**. Paris: P.U.E, 1984.
- DURAND, G. **Les Structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris: Bordas, 1969.
- LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. **Imaginário**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MELLO, G.B.R. Contribuições para o estudo do Imaginário. **Ciência & Educação**, Bauru (SP), v.13, maio/ago 2007, n.2.
- ROCHA PITTA, D.P. **Imaginário**, verbete do Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: FGV, p.574-5, 1987.
- SAISON, M. **Imaginaire, imaginable, parcours philosophique à travers le theater et la medicine mentale**. Paris: Klincksieck Esthétique, 1981.
- WUNENBURGER, J.J. **Philosophie des images**. Paris: P.U.E, 1997.